

VARIAÇÕES REGIONAIS E SOCIAIS DE “BÊBADO” E “AGUARDENTE” NAS CAPITAIS DO NORDESTE: DADOS DO ALiB

Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB)

socorro.aragao@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, conta com seis questionários: o Fonético-Fonológico, o Semântico-Lexical, o Morfossintático, o Pragmático, o Semidirigido e o Metalinguístico, além de uma Parábola e um Texto para leitura. Todos os questionários seguem as orientações gerais do ALiB quanto aos informantes, às localidades e às normas de realização dos inquéritos, dentro da linha teórica da Geolinguística Multidimensional. O questionário Semântico - Lexical contém 207 itens, que se distribuem por 15 áreas semânticas. No Questionário Semântico Lexical além da orientação onomasiológica, procura-se descobrir e documentar o registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos.

O presente trabalho é o resultado do levantamento feito nos dados do Projeto ALiB em Capitais do Nordeste do Brasil e visa registrar as variantes diatópicas (regionais) e diastráticas (socioculturais) dos itens lexicais *Bêbado* e *Aguardente*, a fim de detectar o modo como essas comunidades veem o bêbado e a bebida, aguardente, que os fazem ficar bêbados e, conseqüentemente, denominam esses elementos e a bebida usada por eles, com todos os preconceitos e tabus de que se revestem estas lexias.

O *corpus* é constituído de 72 (setentas e dois) informantes, das faixas etárias de 18 a 30 e de 50 a 60 anos, homens e mulheres, com duas faixas de escolaridade: Ensino Fundamental e Superior, de 09 (nove) capitais no Nordeste: Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina, com 8 (oito) informantes em cada ponto.

As questões analisadas são as de número 144 do Campo Semântico “Convívio e Comportamento Social” e 182 do Campo Semântico “Alimentação e Cozinha”, do questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil, para os conceitos: “**que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?**” e “**...a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?**”

Dentre os 72 informantes, 09 não responderam ou não quiseram responder a questão sobre bêbado, restando, assim, 63 inquéritos válidos.

Das questões válidas, nas localidades pesquisadas, foram encontradas 32 variantes, dando um total de 85 ocorrências para *Bêbado*, numa ordem decrescente de ocorrências: bêbado, cachaceiro, beberrão (bebarrão), pingunço, alcóolatra, embriagado, bebum, cu de cana, ébrio, tá travado, pé de cana, papudinho, briteiro, tá de porre, tá beliscado, tá de pileque, tá ligado, movido a álcool, alcóolico, alcoolizado, queimado, tochado, pudim de cana, viciado, esponjinha, timbu, caneiro, boca de litro, boca de álcool, fubueiro, bebum, pingunceiro.

Para a questão sobre *Aguardente*, foram encontradas 17 variantes, num total de 54 ocorrências. Numa ordem decrescente de ocorrências temos: cachaça, aguardente, pinga, cana, caninha, pitu, cinquenta e um, água que passarinho não bebe, pura, branquinha, limpa, biritá, jacaré, mé, nuca, goró, mangueira.

1. AS VARIAÇÕES REGIONAIS E SOCIAIS

Para analisarmos a variação diatópica, no âmbito da dialetologia e a variação diastrática, no da sociolinguística, é necessário que se defina, rigidamente, ambos os campos de atuação. Assim, a definição de Wardhaugh nos parece clara:

Whereas regional dialects are geographically based, social dialects originate among social groups and depend on a variety of factors, the principal ones apparently being social class, religion, and ethnicity. (WARDHAUGH, 1992, p.46).

Mas, ao analisarmos o problema da variação regional em relação à variação social, muitos problemas e muitas dúvidas surgem quanto aos limites de cada tipo de variação. Onde termina uma e onde começa a outra? Qual a prevalência de uma sobre a outra? são questões que surgem aos primeiros estudos.

Hudson diz que os dialetólogos falam de dialeto social ou socioleto para se referir às diferenças que não sejam regionais, acrescentando que:

Because of these factors, a speaker may show more similarity in his language to people from the same social group in a different area than to people from a different social group in the same area. (HUDSON, 1980, p. 43).

Para Chambers e Trudgill (1980, p. 54) não pode haver dialeto social sem o regional, pois todos os falantes têm um background social mas têm, também, uma localização regional. Em suas palavras: “All dialects are both regional and social, since all speakers have a social background as well as a regional location”. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 54).

Ao tratar das relações entre dialetologia e sociolinguística e, conseqüentemente, de variação diatópica e diastrática, Morales diz que a sociolinguística deve preocupar-se em como duas possibilidades de realização, não marcadas socialmente pela dialetologia, entram em competição no momento em que uma delas começa a converter-se em símbolo de status. Diz ele que:

Lo que las reglas sociolingüísticas describen se explica mediante el análisis de las actitudes hacia ambos fenómenos, de las creencias que las fundamentan y de otros aspectos más - el grado de conciencia lingüística, por ejemplo - que redondean nuestro conocimiento de la presión social sobre el dialecto. (MORALES, 1993, p. 31/32)

Falando sobre o problema da distinção entre variação regional e social, especialmente no que diz respeito à variedade popular, Garmadi (1983) tem uma visão que engloba os dois aspectos. Diz ela:

Conviria, por conseguinte, reservar actualmente a denominação de variedades populares para aquelas que têm uma origem regional comum com as variedades normalizada e veicular, mas que se conservaram à margem da codificação, e que, preservando funções regionais, não participaram no processo de normalização. (GARMADI, 1983, p. 55)

No caso da variação popular a autora chega a dar mais importância ao aspecto geográfico do que ao social, ao contrário do que a maioria dos autores faz. Assim, para ela:

[...] a variedade popular é, por conseguinte, não só uma variedade geográfica como também uma variedade social, pelo menos na origem.[...] uma vez que [...] a variedade popular só existe em situações verdadeiramente unilíngues integrando-se, tanto pela história como pelo jogo dos registros em sincronia, no sistema de variedades que constitui a chamada língua comum. (GARMADI, 1983, p. 56)

Isquierdo (1996:27), ao tratar das relações língua e cultura diz:

Tomando-se, pois então, cultura como um sistema simbólico de representação do mundo exterior e sendo o exercício da linguagem também um desses mecanismos de representação, o estudo linguístico implica, de uma maneira ou de outra, a descrição de uma cultura.

Outro tipo de variante social diz respeito não apenas ao falante: idade, sexo, profissão e grau de escolaridade, mas o que está ligado diretamente à situação ou contexto linguístico ou extralinguístico em que ocorre o ato de fala. São os registros, também chamados de estilos, que vão determinar as variantes estilísticas ou diafásicas.

2. A PRODUTIVIDADE LEXICAL E A REALIDADE SÓCIO-CULTURAL DO FALANTE

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Segundo VILELA (1994, p.6):

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade; Avanços e recuos civilizatórios, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade.

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Para BIDERMAN (1978, p. 139):

O universo semântico se estrutura em dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.

O léxico enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Concordamos com OLIVEIRA (2001, p. 110) quando afirma que:

O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que regem [...]. Todo sistema léxico representa o resultado das experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura através dos tempos.

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico. Os itens lexicais aqui estudados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo e como cada região elabora lexicalmente esse universo.

Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região ou por todo o país, e é nesse aspecto que vamos analisar como se comportam os itens lexicais *Bêbado e Aguardente* nas capitais do nordeste brasileiro.

3. ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE ITENS LEXICIAS

3.1. O *Corpus* da Pesquisa

O corpus a ser analisado é constituído do seguinte modo: Capitais da Região Nordeste: Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife e Salvador, São Luís e Teresina. Os informantes são em número de setenta e dois, sendo oito para cada localidade; homens e mulheres, de faixas etárias que vão de 18 a 30 e de 45 a 60 anos; de duas faixas de escolaridade: Ensino Fundamental e Superior. As questões em estudo são a 144 do QSL no campo semântico Convívio e Comportamento Social: *Bêbado* e 182, no campo semântico Alimentação e Cozinha: *Aguardente* e suas variações lexicais. A análise realizada verifica as denominações para *Bêbado* e *Aguardente*, por localidade, delimitando as variantes diatópicas ou regionais e as diastráticas, ou sociais e nestas, as diageracionais, por faixa etária, diagenéricas por sexo e diafásicas, por nível de escolaridade, vendo o que há de comum a todas as capitais e o que é diferente em cada uma delas.

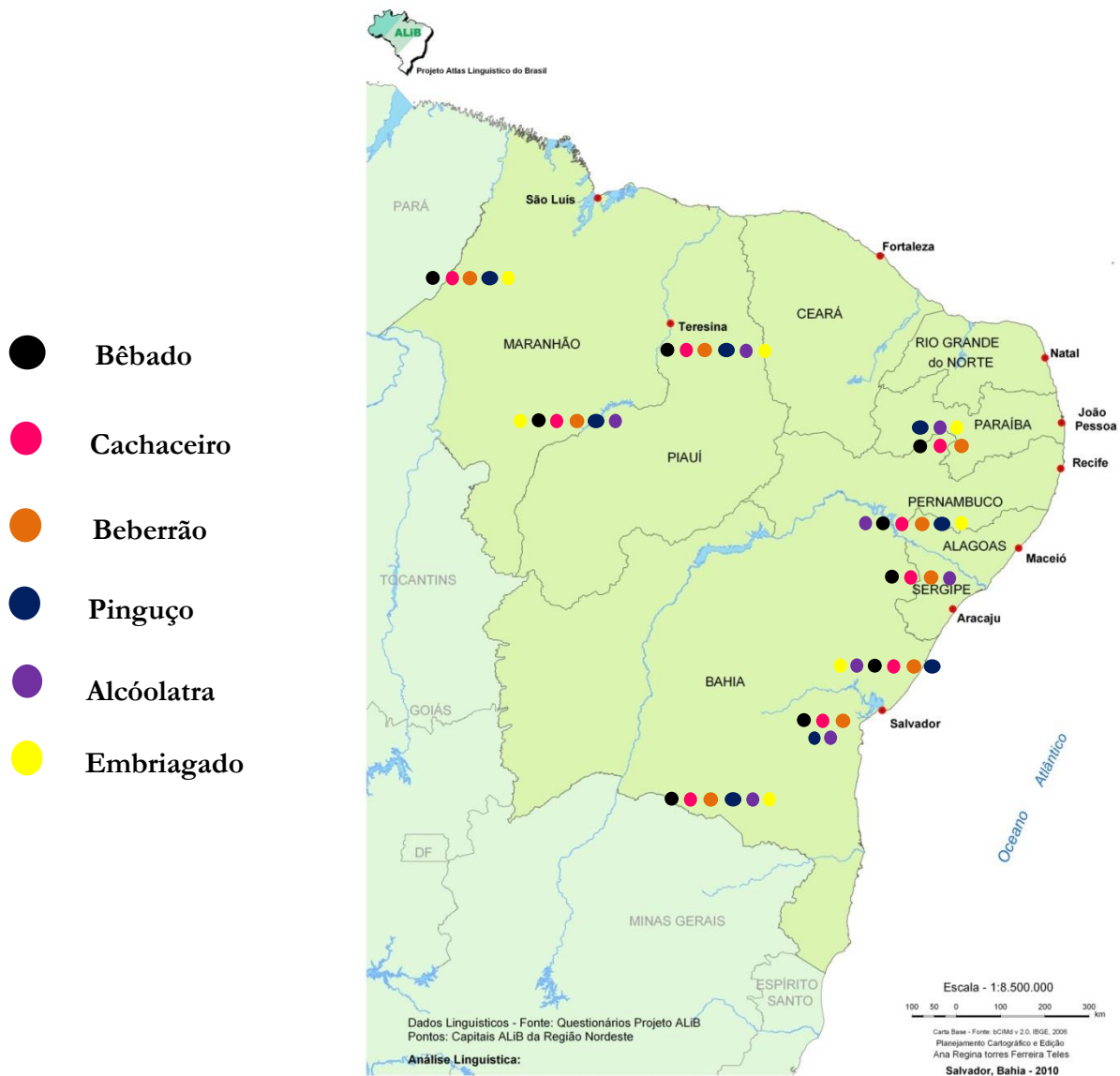
3.2. Itens Analisados

3.2.1. Bêbado

O dicionário Aurélio dá para *bêbado* as seguintes variantes, chamadas por ele de brasileirismos, sendo algumas delas regionais: *alto, avinhado, azul, bêbedo ou bêbado, bebido, bicudo, biritado, caneadado, chumbado, chumbeado, ébrio, envernizado, floreado, fumado, melado, milhado, molhado, montado na ema, mordido, pegado, pingado, pilecado, pinguço, porrado, pregado, quente, roído, tomado, tonto, torrado, triscado, trolado, troviscado, xambregado, xumbergado, zarro, e (lus.) zaré, aturdido, ébrio, ton-to.*

| | | | | | | | | | |
|------------------------|--|----------|--|----------|----------|----------|--|----------|--|
| Esponjinha | | | | | | | | X | |
| Viciado | | | | X | | | | | |
| Timbu | | | | X | | | | | |
| Caneiro | | | | | X | | | | |
| Boca de Li-tro | | | | | | X | | | |
| Boca de Ál-cool | | | | | | X | | | |
| Fubueiro | | | | | | | | X | |
| Bebo | | | | | | | | X | |
| Pingunceiro | | X | | | | | | | |

Mapa 01 - Distribuição Espacial das Variantes de bêbado nas Capitais do Nordeste



Das trinta e duas variantes encontradas para a forma básica, **bêbado**, apenas 04 delas ocorrem em todas as capitais **Bêbado, Cachaceiro, Beberrão e Pingunço**. A seguir vem **Alcóolatra**, que apareceu em 8 das nove capitais e **Embriagado**, que ocorreu em 7 das nove capitais. As demais formas aparecem oram em mai de uma ou em apenas uma das capitais.

Ao analisarmos as lexias utilizadas pelos informantes, podemos ver que elas se enquadram em estruturas diferentes:

a - são lexias simples, como *Bêbado, Cachaceiro, Beberrão, Pingunço, Alcóolatra, Embriagado, Bebum, Ébrio, Papudinho, Briteiro, Alcoólico, Alcoolizado, Queimado, Tochado, Esponjinha, Viciado, Timbu, Caneiro, Fubueiro, Bebo, Pingunceiro*.

b - São lexias compostas, como *Tá Travado, Tá Beliscado, Tá Ligado*;

c - Algumas são lexias complexas ou textuais, como *Cu de Cana, Pé de Cana, Tá de Torre, Tá de Pileque, Movido a Álcool, Pudim de Cana, Boca de Litro, Boca de Álcool*;

c - A lexia *bêbado* apresentou algumas variações fonéticas, como: [be'bû – 'be-bu];

d - O item lexical *beberrão*, apareceu com a variante fonética *bebarrão*

3.2.2. Aguardente

O dicionário Aurélio apresenta cento e cinquenta e uma variantes para aguardente ou cachaça, razão pela qual não as listamos aqui.

Oliveira (1995), encontrou cento e vinte variações, que constituem o corpus de sua Dissertação de Mestrado;

Em seu trabalho “Sinonímia e importância da Cachaça”, o pesquisador cearense Osvaldo de Aguiar chega a dizer que “No Brasil, a aguardente e, sem sombra de dúvida, a palavra mais rica em sinônimos populares”.

O mesmo autor afirma que diversos dicionários da língua portuguesa, desde os mais clássicos, aos regionais e específicos registram a variação lexical de aguardente, como, por exemplo: Aurélio -1957- registra 127 variantes; Viotti – 1956, registra 95; Costa – 1953 – registra 113 formas; e Calasans – [s.d.]:, registra 298 formas

Aguiar [s.d.], conclui seu relato dizendo: “A minha coleção, que contém 654 apelidos e prima pela fidedignidade, vai a seguir, para ciência dos interessados: [...]”.

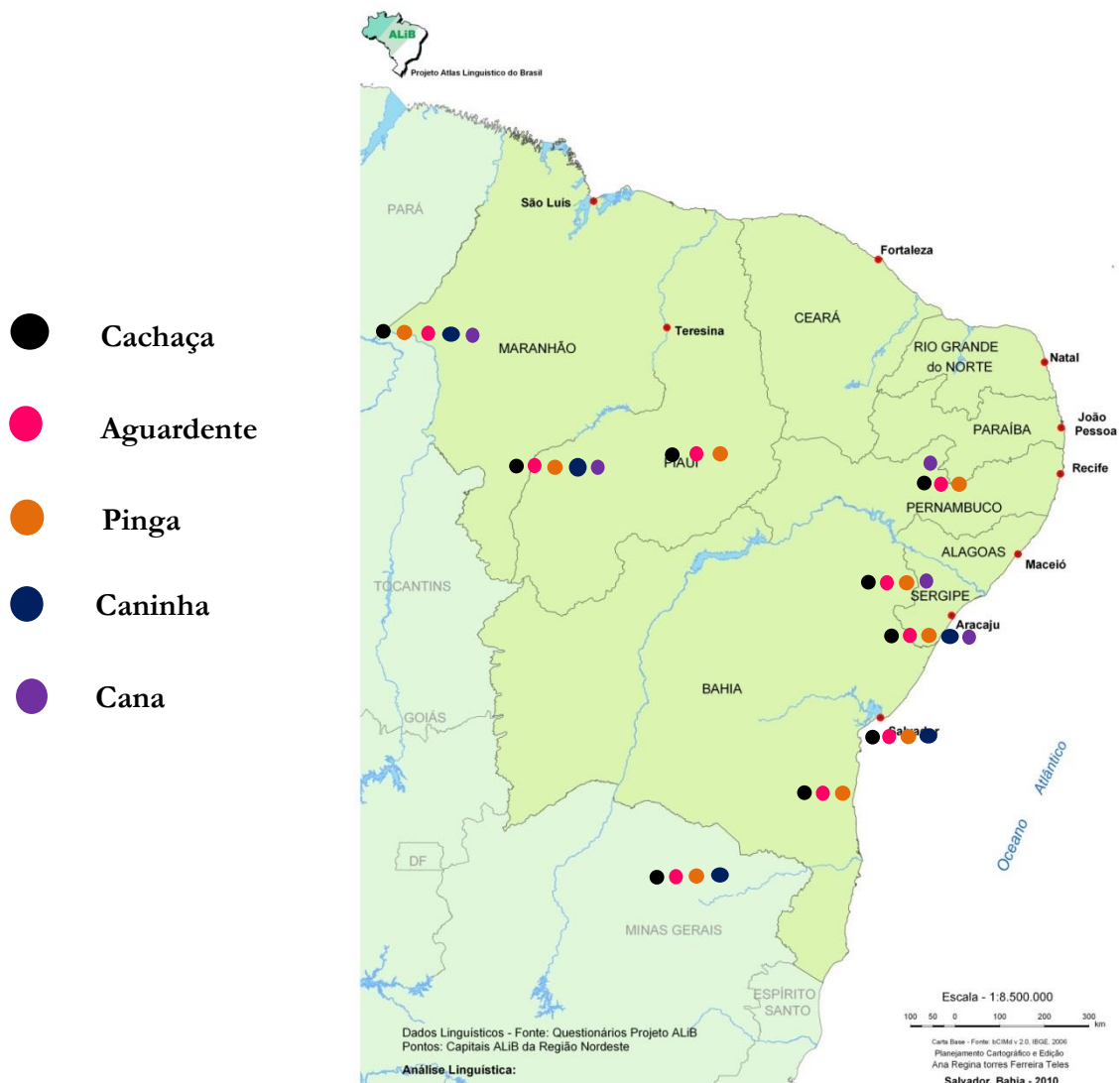
Assim, torna-se impossível, para nós, registrar todas essas variantes que esses pesquisadores descobriram em suas pesquisas. Por outro lado, muitas das variantes estão repetidas nos diferentes trabalhos.

O levantamento das realizações do item-lexical *aguardente*, nas Capitais do Nordeste do Brasil, apresentou as seguintes variações:

Quadro 02 – Variantes de *Aguardente* por Capitais do Nordeste

| LEXIAS | ESTADOS | | | | | | | | |
|------------------------------|---------|----|----|----|----|----|----|----|----|
| | BA | SE | AL | PE | PB | RN | CE | PI | MA |
| Cachaça | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Aguardente | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Pinga | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Caninha | X | | X | X | | | | X | X |
| Cana | | | | X | X | X | | X | X |
| Goró | | | | | | | | X | |
| Pura | | X | | | | | | | |
| Limpa | | X | | | | | | | |
| Água que passarinho não bebe | X | | X | | | | | | |
| Branquinha | X | | | | | | | | |
| Nuca | | | | | | | X | | |
| Mé | | | | | | X | | | |
| Birita | | | | | | X | | | |

Mapa 02 - Distribuição Espacial das Cinco Variantes de *aguardente* nas Capitais do Nordeste



Das treze variantes encontradas para a forma básica, **aguardente**, apenas 03 delas ocorrem em todas as capitais **Cachaça, Aguardente e Pinga**. A seguir vem **Caninha e Cana**, que apareceram em 5 das nove capitais. As demais formas aparecem ora em mais de uma ou em apenas uma das capitais.

Ao analisarmos as lexias utilizadas pelos informantes, podemos ver que elas são, na grande maioria, lexias simples. Apenas uma é uma lexia composta e outra é uma lexia complexa ou textual.

a – são lexias simples, como *Cachaça, Pinga, Caninha, Cana, Goró, Pura, Limpa, Branquinha, Nuca, Mé, Birita*.

b – Apenas uma forma é lexia composta, como *Aguardente*;

c – Apenas uma é lexia complexa ou textual, como: *Água que passarinho não bebe*,

d – Alguns itens citados pelos informantes são marcas de aguardente, como: *Pitu, Cinquenta e um, Mangueira, Jacaré*;

e – Alguns itens são apenas formas diminutivas, como: *Cana > Caninha; Branca > Branquinha*;

f – Uma das formas é uma redução fonética de *Mel > Mé*;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os inquéritos do Atlas Linguístico do Brasil, nas 25 Capitais brasileiras, têm mostrado a variação lexical, tanto do ponto de vista diatópico como diastrático, confirmando resultados obtidos nos Atlas Regionais já publicados ou apresentando novos resultados.

- No que diz respeito ao tem lexical *Bêbado*, as formas mais usadas são: *Bêbado, Cachaceiro, Beberrão e Pingunço*, em todas as capitais e por todos os tipos de informantes, quanto ao sexo, à faixa etária e à escolaridade. Seu uso é categórico;
- Ainda neste item, foram encontradas, com frequência menor e com distribuição irregular, tanto quanto às localidades quanto aos informantes, as formas: *Alcôolatra, Embriagado, Bebum, Cu de Cana, Tá Travado, Ébrio, Pé de Cana, Papudinho, Briteiro, Tá de Porre, Tá Beliscado, Tá de Pileque, Tá Ligado, Movido a Álcool, Alcoólico, Alcoolizado, Queimado, Tochado, Pudim de Cana, Esponjinha, Viciado, Timbu, Caneiro, Boca de Litro, Boca de Álcool, Fubueiro, Bebo, Pingunheiro*.
- No caso das variações lexicais para o item *Bêbado*, os resultados nas capitais confirmam, em parte, a imensa riqueza lexical apresentada nos Atlas Regionais já publicados, uma vez que foram encontrados trinta e duas variações diatópicas, sem grande variação diastrática.
- No que diz respeito ao tem lexical *Aguardente*, as formas mais usadas são: *Cachaça, Aguardente e Pinga* em todas as capitais e por todos os tipos de informantes, quanto ao sexo, à faixa etária e à escolaridade. Seu uso é categórico;
- Os itens *Cana e Caninha* vêm, a seguir com a maior frequência e grande distribuição, nas capitais;

- Neste item, foram encontradas, ainda, com frequência menor e com distribuição irregular, tanto quanto às localidades quanto aos informantes, as formas: *Goró, Pura, Limpa, Água que passarinho não bebe, Branquinha, Nuca, Mé, Birta*.

As motivações semânticas para o uso das variantes de *bêbado e aguardente* são, de modo geral, de caráter popular, ligadas à forma como as pessoas ficam ou se comportam depois de beber, ao ardor da aguardente e, à pureza dela.

Trabalhos deste tipo confirmam, mais uma vez, a importância dos Atlas Linguísticos Regionais e mais ainda do Atlas Linguístico do Brasil, que, a partir de pesquisa controlada pelos mais rígidos princípios teórico-metodológicos, resgatam não apenas a língua portuguesa falada em nosso país, mas, principalmente, os costumes, as tradições, os modos de viver e sentir do povo brasileiros, em toda a sua complexidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Osvaldo. Sinonímia e importância da Cachaça. In *Crônicas alegres*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, [s.d.], p. 104-122..
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CHAMBERS, J. K. et TRUDGILL, A. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- GARMADI, J. **La sociolinguistique**. Paris: PUF, 1981.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Unesp, Araraquara.
- MORALES, H. **Sociolinguística**. Madrid: Gredos, 1993.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.
- OLIVEIRA, Josenir A. *As designações românicas de aguardentes: uma leitura etimológico-semântica*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. /coimbra: Almedina, 1994.
- WARDHAUGH, R. *An introduction to sociolinguistics*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1992.